

Avanço da negociação mexicana gera muito otimismo no Brasil

por Alair Barbosa
do Rio

O Brasil está atento ao processo de renegociação da dívida dos países da América Latina. Ontem, o diretor da área internacional do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, disse a este jornal que teve informações de que o México conseguiu avanço significativo nas negociações com o comitê assessor dos bancos credores. Assim é que a dívida mexicana que vencerá em 1985 terá prazo de pagamento de 14 anos, que se reduzirá para 13 nas parcelas referentes a 1986, 12 para 1987 e 11 para 1988. O período de carência — quando o país só paga os juros, sem desembolsar o principal — foi fixado uni-

formemente em quatro anos para todos os vencimentos.

Serrano considerou as negociações mexicanas um "avanço", mas ele acha prematura qualquer especulação sobre se essas condições obtidas pelo México favoreceriam as negociações do Brasil. Ele reafirmou a disposição do governo brasileiro de só iniciar as negociações efetivas para a dívida externa após colher mais informações com os banqueiros durante a próxima reunião do Fundo Monetário Internacional, que se inicia no próximo dia 21, em Washington.

O Banco Central está relativamente otimista quanto às possibilidades de obter melhores condições



Madeira Serrano

nessa próxima rodada de negociações com os banqueiros internacionais. Ontem, o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, durante a solenidade de posse da nova diretoria da Andima, disse que o Brasil já fez ajustes na área externa em níveis suficientes para superar a crise no balanço de pagamentos. E isso está sendo acompanhado atentamente pelos banqueiros estrangeiros. Conforme ele lembrou, o superávit comercial do ano passado foi obtido mediante o corte nas importações. "Este ano, especialmente após o último mês de junho, o superávit tem sido fundamentalmente por causa do aumento das exportações, com as importa-

ções tendo voltado a crescer", afirmou.

SAUDÁVEL

E esse tipo de ajuste é a forma mais saudável, na opinião do presidente do BC, na medida em que permite um desfogo para a produção que não tem tido demanda no mercado interno. Pastore acha viável que o País consiga manter o ritmo atual de exportar entre US\$ 2,4 bilhões e US\$ 2,5 bilhões por mês nos próximos meses, mantendo-se o crescimento de 25% no ritmo das vendas externas do País, como se verificou até julho. No lado das importações, há um relativo desfogo devido aos pesados programas de substituição executados pelo País nos últimos anos, que agora começam a dar frutos, disse.

Pastore não quis antecipar, ontem, nenhuma previsão sobre a necessidade de dinheiro novo que o governo pretende negociar com os banqueiros no ano que vem. "Não pediremos nada acima e nada abaixo do que for necessário", limitou-se a comentar. "Se pedirmos acima vamos onerar a nossa dívida desnecessariamente. Se o volume for menor, poderá dificultar as contas do País no ano que vem", complementou.